

# A crise de cada um

O momento difícil que o País atravessa é comparável a outras fases da História? Ou os problemas pessoais, afetivos e profissionais pesam mais que a situação do Brasil?

Atualmente, a maior unanimidade do País salta aos olhos de qualquer cidadão que abra os jornais diariamente ou que constate que seu salário é insuficiente para as despesas mensais: o Brasil vive dias de crise institucional, social, econômica e política. O recente atentado ao Presidente Sarney, as incertezas quanto à estratégia de salvação da economia brasileira, as indefinições que pairam sobre a Constituinte, o frenesi inverossímil dos cariocas que acreditaram poder baixar os preços dos ônibus a pedra e fogo, ao lado do impasse político, são sintomas da crise que se instalou.

O quadro nacional só deixa dúvidas quando se tenta olhar o Brasil do passado e o País que se espera para o futuro: será esse o momento de maior caos a que a população já assistiu? Ou a situação é apenas uma pré-estrela do que virá pela frente? É o que O GLOBO apurou ouvindo empresários, artistas, donas-de-casa, estudantes, religiosos e intelectuais. Há quem considere a Revolução de 64, por exemplo, o detonador de uma crise jamais vista. Outros preferem medir o País por crises cíclicas, de tempos em tempos, de uma forma ou de outra. Mas há ainda os que, entre o coletivo e o individual, viveram situações desestabilizadoras no plano pessoal, profissional ou afetivo, mais graves do que o que se passava nas ruas, nas repartições, no Congresso Nacional ou nos quartéis.



## Entre a dor pessoal e a preocupação com o destino do País

"Uma das crises mais difíceis da minha vida foi em consequência do golpe de 64. Eu tinha 29 anos e estava no começo a minha vida de padre. Tinha me formado em Roma em 1960 e começado a trabalhar no Brasil no ano seguinte. Eu trabalhava com a juventude, com a Ação Católica e dava aulas de Doutrina Social da Igreja na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Estava no epicentro de todas as camadas sociais que estavam se conscientizando e assumindo posições sociais e políticas.

"Depois de todo um período da História do Brasil sem um projeto nacional, parecia o começo de um mundo novo. Caiu a ditadura Vargas e surgiam lideranças políticas novas. Havia as metas de Juscelino Kubitschek. Em São Paulo, o Governador Carvalho Pinto falava em planejamento. Era uma promessa de um projeto de desenvolvimento do País

"Havia um início de movimentação popular e de uma maior influência da Igreja frente aos problemas do mundo. Era a época dos grandes movimentos leigos como a Juventude Operária Católica (Joc), dos quais participaram muitas pessoas que acabaram cassadas nos meses e anos seguintes. Eu, como muita gente, me senti podado com o golpe.

"Muita gente achava que era a salvação da pátria e que era passageiro. Eu estava convencido de que 64 tinha vindo para ficar, como ficou por 20 anos. Para mim, era um projeto orquestrado por gente poderosa da classe empresarial nacional e multinacional.

"Foi um período difícil, de ameaças e perseguições. A cada dia que abria o jornal, tinha a notícia de algum conhecido que fora preso. Eu sentia uma crise muito grande olhando para a História e para a posição da Igreja. Era uma coisa contraditória porque tinha gente contra nós, achando que era bom para o país. Depois, a situação piorou ainda mais.

"Foi um tempo de grande sofrimento. Tive que pensar toda a minha vida em termos de atuação sócio-política. A gente era chamado a sustentar os e dar esperança aos grupos com os quais trabalhava.

**D. Antonio Celso Aueirozn, Secretário-Geral da CNBB e Bispo Auxiliar de São Paulo**

"Já virei noites trabalhando, mas nunca passei por um período tão difícil como o que comecei em fevereiro de 1986 e continua até agora. Não podemos planejar nada.

"Os planos do Ministro da Fazenda são os mais indicados para o momento em que vivemos. A economia está toda desordenada, e isso é fruto da indefinição que vem se arrastando desde o ano passado. Se o Governo não emitir moeda, desta vez poderá dar certo.

**Joaquim de Oliveira Júnior, proprietário dos Supermercados Leão**

"Entre para a área empresarial em 1959. Abri uma empresa de fundo de quintal com a cara e a coragem, porque toda minha família trabalhava no comércio e ficara contra minha intenção de seguir um ramo diferente. Desde então, nunca passei um dia sem ouvir falar em crise.

"Passei pela Revolução de 64, pelas crises sociais de 68, os traumas da abertura democrática, as primeiras greves, a recessão e agora o Cruzado 3. Não resta a menor dúvida que a crise atual é a pior de todas elas, porque combina crise política, econômica e social. Mas a situação não atemoriza mais, porque sempre soubemos enfrentar as dificuldades.

**Roberto Della Manna, Diretor Sindical da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)**

"Com o frio, diminuíu o movimento, a coisa ficou braba. Tive que sair do Pão de Açúcar e ir pra boca do metrô de Botafogo. Tá ruim pra vender sorvete, então quebro o galho com doces, jujubas e chicletes. Hoje só vendi sete picolés e dois copinhos. O pessoal, que tá sem grana, não pode chegar perto das carrocinhas porque tá tudo muito caro. Ganho salário mínimo e comissão, mas nunca marquei quanto ganho num mês inteiro. Vou vivendo. Não vou mais fumar. Fui comprar um "Plaza", que pensei que era CZ\$ 13,00 mas cobraram CZ\$ 18,00. Hoje vou de trem pra casa, em Nilópolis, o que não fazia há 15 anos. A gente em casa — moro com minha mulher e duas filhas — faz o orçamento com o que tem. Se não dá pra comprar cinco quilos de arroz, a gente compra dois. Pela situação que estamos, acho que nunca teve crise igual, desde os tempos dos generais e da ditadura. Mas, no fundo, tem gente pior que eu, que não tem nem arroz e feijão pra comer."

**Abel Corrêa da Silva, 42 anos, é vendedor ambulante de picolé.**

"A pior crise para mim é a atual, e ela, à medida em que piora, aumenta as próprias crise pessoais. Como exemplo, cito o fato da passividade brasileira começar a se alterar, gerando violências como no Rio de Janeiro. Isso é explicável pelo seguinte: na medida que as pessoas deixam de ter segurança de trabalho, ambiente de paz e possibilidade de prosperar, as angústias aumentam, além de crescerem os conflitos.

"Essa crise pessoal aumenta conforme a crise econômica se agrava, ninguém mais pode ter paz quando a recessão avança cada vez mais, os problemas cambiais se agravam e a conseqüente falta de pedidos, as taxas de juros altas, isso tudo inibe investimento. Em consequência, reduz-se a zero a oferta de empregos.

**Aldo Lorenzetti, Presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletro-eletrônica (ABINNE)**

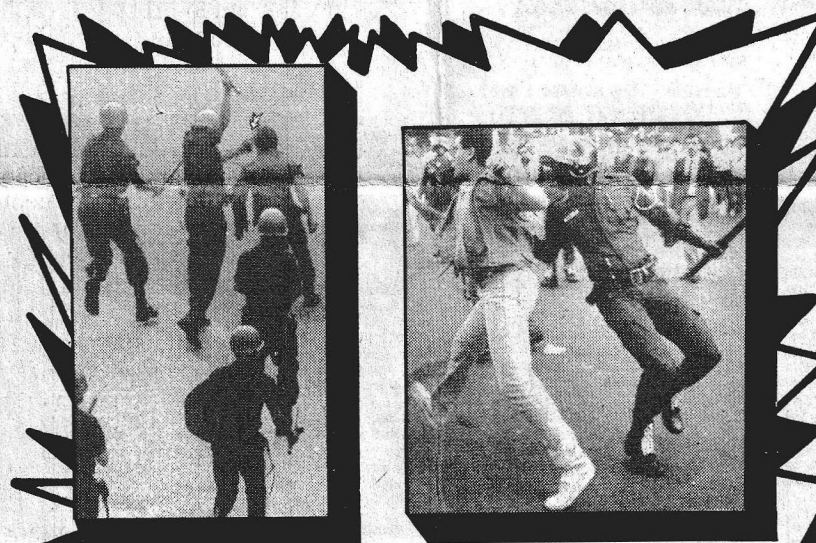
"Foi há mais de um ano, quando esperei uma menina por mais de três horas num ponto de ônibus e ela não pintou. Senti-me negado pelo planeta. Eu pensava que tudo era estranho e dava errado. Então, fui dormir." **Marcelo Paixão, 21 anos, estudante de Economia da UFRJ.**

"Olha, essa situação atual está muito difícil de levar. Ganho CZ\$ 11.800 e tenho de sustentar minha mulher, que às vezes ajuda costurando para fora, uma filha de cinco anos e uma irmã de 42 anos desempregada. Antes eu ia ao supermercado com CZ\$ 1 mil e conseguia levar alguma coisa. Agora, com o mesmo dinheiro, levo cada vez menos. O colégio da menina, que custava CZ\$ 200, aumentou para CZ\$ 430."

**Miguel Luciano de Souza, 45 anos, mecânico.**

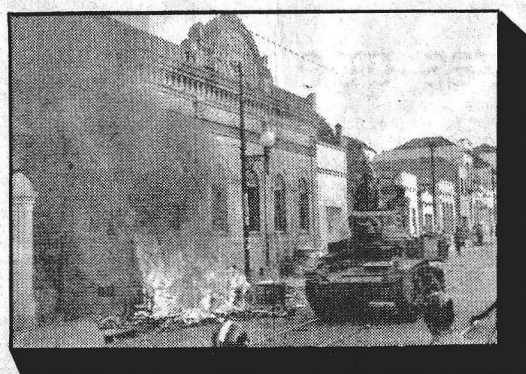
"Como pessoa, jamais tive crises, mas como comerciante reconheço que a crise política de 1964 foi forte. Porém, a atual, econômica, está muito pior porque atinge todo mundo. O comércio em geral está registrando uma queda de 30 e 40 por cento. Tenho negócios em quase todos os Estados brasileiros e afirmo que fora do Rio a situação está preta mesmo. No entanto, acho que chegou a hora de vestirmos a camisa do Brasil. Estou sendo consciente e não aumento meus preços. O show da Fafá de Belém, está custando CZ\$ 300 a mesa e CZ\$ 250 a poltrona, enquanto o do Ivan Lins, que terminou semana retrasada, custavam CZ\$ 400 e CZ\$ 300 respectivamente. Temos que ter pé no chão."

**Chico Recarey, 39 anos, empresário.**



1968: a polícia nas ruas

1987: reprise do conflito social



O suicídio de Getúlio, em 54: incerteza e medo

"Nas finais do torneio Pré-Olimpico de 76, ganhamos a primeira partida contra a Espanha, perdemos do México e precisaríamos vencer a outra partida. Eu não conseguia dormir, pois sabia que a equipe precisava de mim e foi um baque grande assistir à desclassificação do Brasil sem poder fazer nada.

**Ubiratan de Lima o Bira, jogador da Seleção de basquete**

"Essa crise econômica é minha primeira grande dificuldade. Estou casada com um bancário há um ano e meio e vivemos com problemas financeiros. Queríamos ter logo nossos dois filhos, mas não podemos.

Não é o meu caso, mas sei que, quando o dinheiro está escasso, o amor sai pela janela, e isso deve estar ocorrendo com muita gente".

**Márcia Leal, 23 anos, secretária.**

"A pior crise da minha vida foi quando cheguei no Rio de Janeiro, em 1965. Era o meu grande sonho, pois pensava, lá na minha cidade, Eirunete, na fronteira do Amazonas com o Acre, que eu poderia levar uma vida excelente ganhando o salário mínimo. Para mim, aos 16 anos, vivendo lá nas margens do Rio Juruá, não haveria coisa melhor.

"Mas eu cheguei e quebrei a cara. Fiquei vagueando pela cidade, sempre nas proximidades da Praça Mauá para não me perder, sozinho, e foi aí que realmente tive vontade de desaparecer do mundo. Tinha chegado com o dinheiro juntado durante o curso de marinha que havia feito no Ceará e não tinha mais um tostão. Comia no navio da Marinha e dormia onde dava. O Rio de Janeiro que havia sonhado desapareceu. A vontade maior era sumir do mundo, mas em seguida comecei a pensar em retornar para o Amazonas. Foi então que conheci um amazonense que me conseguiu um emprego de faxineiro na casa de uma família, ou seja, fui empregado doméstico.

"Mas ainda bem que eu não voltei, porque a vida foi complacente comigo e eu estou hoje, aqui, falando com um repórter do Jornal O GLOBO, sentado nessa cadeira estofada.

**Luís Antonio de Medeiros, Presidente eleito do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior do País**

"Fora essa grande crise nacional, a que mais me atingiu foi a morte precoce de meu marido em 1973. Eu o amava demais. Ele tinha 36 anos e era sargento e morreu em 20 dias com câncer no pulmão, deixando-me com três crianças na fase da pré-adolescência. Fui tocando o barco com meu ordenado como funcionária do Ministério do Exército e a magra pensão dele, sem deixar que as crianças trabalhassem.

"Após oito anos de viúva, reencontrei em Manaus meu primeiro namorado. Eu era muito jovem e meu pai me proibiu de casar com ele, mas, ao voltar à casa de meu pai, soube que o rapaz havia se casado mas estava separado da mulher. Depois do nosso reencontro, o destino nos uniu.

**Evanize Santos, 49 anos, dona-de-casa.**

"A chegada do Estado Novo foi meu grande drama. Com 23 anos e recém-formado em Direito, tive de desistir do meu emprego como advogado para vir ao Rio defender meu pai no Tribunal de Segurança Nacional, o mais sinistro que já houve na História do Brasil. Tornei-me jornalista, escrevendo para cinco jornais, para sustentar minha mãe e mais cinco irmãos. Meu pai ficou preso quatro anos, mas, com ajuda do dr. Sobral Pinto, conseguimos sua liberdade condicional. O que minha mãe dizia dos homens do poder não pode ser publicado. Não que fossem palavras, mas a podridão que ela conhecia aumentava cada vez que ia levar roupas ao meu pai. Fiquei decepcionado com a Justiça oficial."

**Guilherme Figueiredo, escritor e reitor da Uni-Rio.**

"Eu trabalho com publicidade desde os 18 anos e nunca trabalhei fora de época de crise. O Brasil vem vivendo sucessivamente várias crises de características diferentes. No ano passado, com o Plano Cruzado, estávamos vivendo a outra ponta dessa crise de hoje. Vivíamos o que os analistas de marketing chamam de "up trading", ou seja, o consumidor passa a ter maior poder aquisitivo e começa a consumir coisas mais caras. Na época faltavam espaços para anunciar em emissoras de televisão e em revistas. Hoje é o contrário.

"Mais do que uma crise real, estamos vivendo uma gigantesca crise psicológica que acaba se somando à crise real. Eu acho que está no momento de alguém fazer uma grande entrevista, escrever um pronunciamento, alguma coisa que coloque que a crise existe, mas o tamanho dela está exagerado. O clima de desânimo é muito ruim.

**Washington Olivetto, diretor da agência de publicidade W/GKK**

"Minha crise foi a separação da minha mulher, em 1977, e que me deixou marcas até hoje. Eu tive uma educação burguesa, calçada naquela coisa de 'até que a morte os separe', e, quando eu vi que na realidade não era assim, passei um ano inteiro de satinado. Foi uma coisa medonha. O tempo apaga tudo, mas apenas aparentemente, porque ninguém esquece a primeira separação. Sobram as imagens da cama desarrumada, dos seus livros espalhados. Durante muito tempo andei com um texto do pesquisador de cultura popular Câmara Cascudo dentro da agenda, que dizia assim: 'Minha filha, corte os pulsos, tome umas bebidas, mas não se entregue, porque homem apaixonado não tem defesa'. As seqüelas continuam comigo. Estou com uma pessoa há três anos, a gente discute a possibilidade de um casamento. Mas sempre vejo um fantasma.

**Walter Firmo, fotógrafo, e diretor do Instituto de Fotografia da Funarte.**

"Já tive crisisinhas, mas nada que se destacasse. Crise mesmo é a instabilidade do Brasil, onde o povo não é respeitado e não tem confiança em ninguém. Ela me atinge mais moralmente do que financeiramente. Antes, eu achava que isso era problema de terceiros. Outro dia, conversava com um pai de família de poucos rendimentos, que saiu de casa com dinheiro contado. Como o ônibus aumentou, ele foi obrigado a falar para o cobrador que não teria como voltar para casa. Tenho medo do Brasil voltar a ser colônia. Não consigo programar o futuro e me disciplinar. Sonhei que não havia mais a Amazônia. No caso, foi mais engraçado do que trágico. Tudo isso são coisas que, querendo ou não, preocupam. Fico chateada porque não só acontecem agora, mas vão continuar nos próximos anos."

**Luma de Oliveira, 22 anos, atriz e modelo.**

"Apesar de ter passado por outras decepções, minha maior crise foi justamente a perda da Copa do Mundo em 1950, a única de que participei. O povo não entendeu, e parte da imprensa também, não. Sempre considere injustiça me julgarem por aquela fatalidade e até hoje pago por isso. Só pode julgar quem já enfrentou a situação, mas o torcedor é um descontente. Ele não sabe que jogador de futebol é como um palhaço, que, mesmo com problemas em casa, tem de ir para o picadeiro fazer o povo rir. Depois daquilo passei a não discutir futebol, mas sempre vem um me dizer que fui o maior goleiro do mundo e toca naquela ferida. Porém, se for somar tudo, acho até que levei vantagem, porque a imprensa está sempre lembrando de mim. Acredito que entrei definitivamente para a História."

**Moacyr Barbosa, 66 anos, goleiro da Seleção do Brasil na Copa de 50.**

"É claro que a minha pior crise é a de agora, sem passageiros e com combustível caro. Há colegas entregando o carro para as empresas onde os alugam sem condições de pagar. Meu nível de vida baixou e a jornada de trabalho aumentou muito. Antes trabalhava das 7h às 16h. Agora, vou até às 22h ou 23h. Não trabalhava nos fins-de-semana, e agora dou duro. A minha mulher pensa que estou de farra, com outra, na rua. Acha que nos domingos saio para enganar a."

**Alberto Neto, 38 anos, motorista do táxi TM 3756, há 19 na profissão.**

"Horroroso mesmo foi o período 1972/1973. Fui presa duas vezes, num total de duas semanas de cadeia, e quando saí enfrentei as mortes de meu pai e da minha irmã. Foi uma barra muito violenta, junto tudo, uma coisa atrás da outra, e só sobrevivi à custa de remédios anti-depressivos. E depois dessa eu duvido que possa passar por qualquer outra pior. São situações existenciais profundas, depois das quais ou vou pira, ou você amadurece. A gente se testa, e acho que que consegui passar na prova, consegui sobreviver, com equilíbrio."

**Anna Letyia, artista plástica.**

